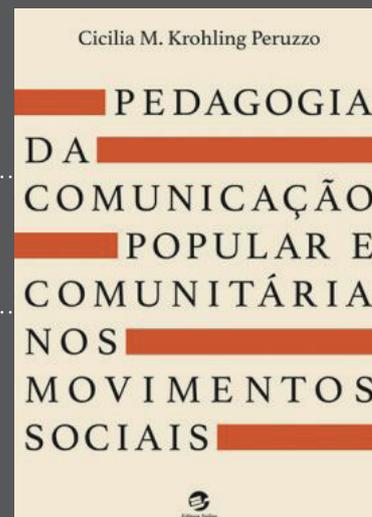


POR UMA COMUNICAÇÃO POPULAR PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

POPULAR COMMUNICATION FOR A SOCIAL TRANSFORMATION

POR UNA COMUNICACIÓN POPULAR PARA LA TRANSFORMACIÓN SOCIAL

PERUZZO, Cílicia M. Krohling. *Pedagogia da Comunicação Popular e Comunitária nos Movimentos Sociais*. Porto Alegre: Sulina, 2022.



Ingrid Gomes Bassi

■ Doutora em Processos Comunicacionais pela Universidade Metodista de São Paulo. Pós-doutorado em Educação (PPGE-UFT) e em Processos Comunicacionais (PósCom Umesp). Professora em Jornalismo na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará e docente permanente no Programa de Pós-graduação em Educação Inclusiva (Profei/Unifesspa). Diretora científica da ABPCOM (2021-2023).

■ *Doctora en Procesos de Comunicación por la Universidad Metodista de São Paulo. Postdoctorado en Educación (PPGE-UFT) y en Procesos de Comunicación (PósCom Umesp). Profesora de Periodismo en la Universidad Federal del Sur y Sudeste de Pará y profesora titular del Programa de Posgrado en Educación Inclusiva (Profei/Unifesspa). Directora científica de la ABPCOM (2021-2023).*

■ E-mail: ingrid.bassi@unifesspa.edu.br

RESUMO

A obra compromete-se com a exposição qualitativa e empírica do caminho epistemológico da Comunicação Popular e Comunitária no país, elucidando uma pedagogia alternativa para compreender o papel sócio-político dos modelos de desenvolvimento predominantes desde o início dos anos 1970 até o momento, e a relação de forças paradigmáticas dessas correntes com o fortalecimento ou não das comunicações voltadas à transformação social, com destaque para os exemplos da Cooperativa de Produção Agropecuária União da Vitória (Copavi), no Paraná; Polo da Borborema, na Paraíba, e da União das Associações, Núcleos e Sociedade de Moradores de Heliópolis (Unas), em São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE: COMUNICAÇÃO POPULAR E COMUNITÁRIA; TRANSFORMAÇÃO SOCIAL; MOVIMENTOS SOCIAIS; CIDADANIA.

ABSTRACT

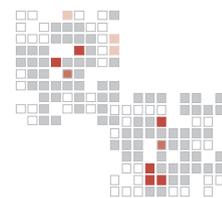
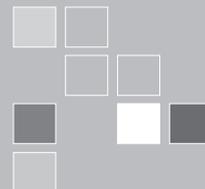
The work is committed to the qualitative and empirical exposition of the epistemological path of Popular and Community Communication in the country, elucidating an alternative pedagogy to understand the socio-political role of the predominant development models from the beginning of the 1970s until now, and the relation of paradigmatic forces of these currents with the strengthening or not of communications aimed at social transformation, with emphasis on the examples of the Agricultural Production Cooperative União da Vitória (Copavi), in Paraná; Pole of Borborema, in Paraíba, and the Union of Associations, Centers and Society of Residents of Heliópolis (Unas), in São Paulo.

KEY WORDS: POPULAR AND COMMUNITY COMMUNICATION; SOCIAL TRANSFORMATION; SOCIAL MOVEMENTS; CITIZENSHIP.

RESUMEN

El trabajo apuesta por la exposición cualitativa y empírica del recorrido epistemológico de la Comunicación Popular y Comunitaria en el país, dilucidando una pedagogía alternativa para comprender el papel sociopolítico de los modelos de desarrollo predominantes desde inicios de la década de 1970 hasta la actualidad, y la relación de las fuerzas paradigmáticas de estas corrientes con el fortalecimiento o no de las comunicaciones dirigidas a la transformación social, con énfasis en los ejemplos de la Cooperativa de Producción Agropecuaria União da Vitória (Copavi), en Paraná; Polo da Borborema, en Paraíba, y la Unión de Asociaciones, Centros y Sociedad de Residentes de Heliópolis (Unas), en São Paulo.

PALABRAS CLAVE: COMUNICACIÓN POPULAR Y COMUNITARIA; TRANSFORMACIÓN SOCIAL; MOVIMIENTOS SOCIALES; CIUDADANÍA.



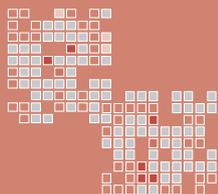
O livro intitulado de *Pedagogia da Comunicação Popular e Comunitária nos Movimentos Sociais* é a mais nova obra da autora-referência nos estudos em Comunicação Cidadã, Comunitária e Popular, a pesquisadora Cicilia M. Krohling Peruzzo. Vendido pela editora Sulina, apresenta 168 páginas e é dividido em quatro capítulos, a saber: 1- *O lugar da comunicação e dos movimentos sociais nas concepções de desenvolvimento: do difusionismo ao desenvolvimento participativo e bem viver*; 2- *Comunicação popular e comunitária em movimentos sociais rurais: para além do “difusionismo”, a participação emancipadora*; 3- *A comunicação popular e comunitária no desenvolvimento social local: a experiência de Heliópolis, cidade de São Paulo*; e 4- *Os processos de comunicação popular e geração de conhecimento nos movimentos sociais*.

No primeiro capítulo, Peruzzo, ao percorrer a história sobre o desenvolvimento para compreender o lugar da comunicação e dos movimentos sociais, aponta críticas ao entendimento da comunicação “difusionista”, aquela concepção que caminha na direção ideológica norteada pela Teoria da Modernização e, neste sentido, é utilizada apenas como instrumento, “[...] a disseminação de tecnologias e de valores culturais modernizantes visando ao aumento da produção, circulação e novos hábitos de consumo de bens industrializados” (PERUZZO, 2022, p.15).

Como modernização, entende o desenvolvimento como estímulo à mudança, dos povos mais pobres e terceiros do mundo, para uma possível conquista pela sua modernização, numa saga incansável ao pódio dos primeiros do mundo. Essa apresentação de desenvolvimento encontrou espaço no mundo contemporâneo, desde meados do século XX, e tem como principal estratégia conceitual a categorização do “subdesenvolvimento” e, com ele, o “atraso” de países e nações em inferioridade geopolítica.

Outra recuperação teórica trazida pela estudiosa em questão, é a Teoria da Dependência, que, desde os anos 1960, na América Latina, já orientava de forma crítica de que são os países mais industrializados, os quais determinam o subdesenvolvimento dos outros em decorrência de macroestruturas orgânicas na sociedade. No bojo daquela Teoria, há estudiosos que elucidam uma abordagem sobre desenvolvimento que o coloca como proposta mais humana, participativa, sustentável, comunitária. Peruzzo recupera Servaes, Chaparro, Dowbor, Marques de Melo e outros, enfatizando o caráter endógeno que esse “outro desenvolvimento” deve se caracterizar para atender a comunicação articulada dos movimentos sociais, a qual esteja atenta aos valores locais e autonomia dos seus processos de criação e existência.

Na sequência, discute a concepção de desenvolvimento participativo e sustentável. Para isso, recupera Freire ao sistematizar a importância da troca coletiva no processo de “[...]”



consciência-organização-ação para compreender a realidade e agir sobre ela” (PERUZZO, 2022, p. 25); como também Contreras e Guattari, ao expor uma sociedade que busca o “Bem Viver” e tem na comunicação o papel da ponte para uma cultura da convivência, a partir dos três pilares da Ecologia: o meio ambiente, as relações sociais e a subjetividade humana.

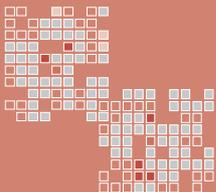
Para encerrar o primeiro capítulo, conecta a participação dos movimentos sociais, daqueles que buscam a transformação social, no processo dialógico de se organizarem, constituírem-se, mobilizarem-se e serem no paradigma do Desenvolvimento Participativo. “Os movimentos sociais, comunidades e demais atores coletivos cívicos, e no seu interior a comunicação popular e comunitária, ajudam a constituir as transformações no tipo de desenvolvimento social e, ao mesmo tempo, são constituídos e transformados em seu status [...]”. (PERUZZO, 2022, p.39).

No segundo capítulo, enfatiza o caminhar dos processos de comunicações com as lógicas adotadas de desenvolvimento, provocando o leitor a pensar em propostas de comunicação popular e comunitária dentro de movimentos sociais na área rural. Para tanto, aponta os exemplos da Cooperativa de Produção Agropecuária União da Vitória (Copavi), no Paraná, e do Polo da Borborema, na Paraíba, ambos associados a comunicação participativa em que os processos comunicativos se alinham à “comunicação para o desenvolvimento”/“comunicação para a cidadania” em contraponto à comunicação difusionista.

Nesse sentido, o condicionamento da autogestão da Copavi fornece a estrutura de participação ativa pelos membros da cooperativa de agricultores. Eles produzem cana-de-açúcar e, dela, fabricam cachaça e açúcar mascavo. Também produzem laticínios com a pecuária, cultivam cereais, legumes, verduras e produzem alimentos com base nessa produção. “O produzido é para o consumo das famílias. O excedente é dedicado à comercialização, e os recursos derivados são destinados à remuneração pelo trabalho, à manutenção e reinvestimento na própria cooperativa”. (PERUZZO, 2022, p.65).

No exemplo da organização do Polo da Borborema, a base também é comunitária, com o diferencial dela ser sindical. O Polo é formado por famílias de agricultores, proprietários de pequenas áreas rurais, que se dedicam a variedade de cultivo em suas terras, inclusive participam do sistema de cooperação mútua dos bancos comunitários de sementes, em que são resgatadas sementes nativas e livres de produtos químicos, também chamadas de “Sementes da Paixão”, pelo valor ancestral de seu cultivo. “Uma das conquistas é justamente a concretização de alternativas que possibilitem a sobrevivência no Semiárido e, talvez, também a redução do desejo de emigrar” (PERUZZO, 2022, p. 65).

Portanto, Peruzzo fundamenta a comunicação emancipadora a partir dos pressupostos de desenvolvimento vivenciados pela Copavi e Polo da Borborema, nos quais há participação



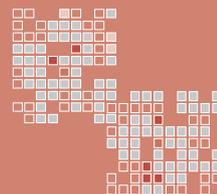
ativa da comunidade nas variadas etapas organizativas do que produzem, e a comunicação acontece na dinâmica dos processos sócio-organizacionais, não apenas como técnica e instrumento como também na própria manifestação dos processos, como mediadora nas relações em comunidade, na educação informal, com os públicos externos e outros setores de intercâmbios e parcerias. Uma comunicação com “propósito humano” (PERUZZO, 2022, p. 74).

No penúltimo capítulo, Peruzzo propõe a abordagem da comunicação popular e comunitária beneficiar no desenvolvimento social local e, para isso, traz a experiência da União das Associações, Núcleos e Sociedade de Moradores de Heliópolis, São João Clímaco e Região (Unas), em São Paulo. Inicialmente, neste capítulo, a estudiosa rememora estudos sobre comunidade e comunicação comunitária, ao citar Martin Buber (apud PERUZZO, 2022, p. 89), indicando a possibilidade de as novas comunidades serem comunidades de escolha e, assim sendo, são formadas por identidades culturais diversas, que se aproximam com o compromisso de cooperação e interesses de bem-estar coletivo.

O território, em Heliópolis e entorno, onde a Unas se organiza como movimento urbano, em meados dos anos 1970, foi ocupado em decorrência da desigualdade social, de remoções sistemáticas e habitação provisória do governo do estado. Como luta popular por moradia digna, moradores se organizaram no âmbito informal e às escondidas, num primeiro momento; depois, nos clubes de mães a partir de articulações das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), da Igreja Católica; e, na sequência, como Comissões e Moradores, formando núcleos, até a consolidação na Unas em 1987. Conquistam o status de bairro de Heliópolis em 2006, quando a reivindicação era fazer parte da cidade de São Paulo (BARBOSA apud PERUZZO, 2022, p. 96).

Para contextualizar a história da Unas e da comunicação popular e comunitária, Peruzzo fortalece a pesquisa documental com depoimentos emocionantes e autoexplicativos das lutas dos moradores da região de Heliópolis. A organização visa promover ações da comunidade para a melhora de vida das pessoas envolvidas, no tocante da moradia, escola, trabalhos, cultura, lazer e convivência, para tanto, se organizam de forma a gerar pertencimento, autonomia, responsabilidade e solidariedade.

Diante disso, no dado recente de 2020, a Unas apresentou 52 projetos de desenvolvimento social, articulando mais de 800 trabalhadores e impactando cerca de 10 mil pessoas por mês (PERUZZO, 2022, p. 116). Destaca-se desse cenário, a Rádio Comunitária Heliópolis. Sua história funde-se com a trajetória da Unas. Inicia-se com o serviço de alto-falantes, a Rádio Corneta, entre 1992 a 1997, posteriormente, passa à rádio livre com a frequência FM 102,3 MHz até 2006. De julho de 2006 até agosto de 2007, fica fechada em decorrência da



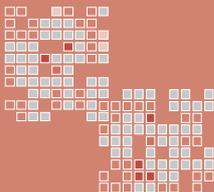
não autorização da rádio comunitária pela Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel). Em 2007, entra em período “experimental e científico”, numa parceria com a Faculdade de Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. No ano seguinte, inicia a transmissão de forma autorizada pela Anatel, na frequência FM 87.5 MHz. Atualmente, a programação é retransmitida por meio de canais nas mídias sociais digitais da rádio (PERUZZO, 2022, p.116-122).

Como rádio comunitária, a Rádio Comunitária de Heliópolis é de propriedade coletiva, com rotatividade da função de coordenador e, periodicamente, passa por avaliações da equipe e do público, assim como a Copavi e Polo da Borborema. A gestão da rádio é articulada de forma participativa entre seus membros num processo de autogestão, sendo resistência nas lutas socioeconômicas do local e cocriação de processos de comunicação popular voltados à cidadania.

No quarto e último capítulo, *Os processos de comunicação popular e geração de conhecimento nos movimentos sociais*, Peruzzo explica a geração de conhecimento crítico e até transformador pela abordagem dos movimentos sociais constituírem-se como protagonistas de suas narrativas e experiências, por meio da comunicação fundada na participação dos coletivos ao almejem a transformação social, em detrimento de uma comunicação alicerçada no desenvolvimento da Teoria da Modernização. Desse modo, a realidade da comunicação, como mediadora das relações sociais nos movimentos sociais, possibilita a autora-referência problematizar quatro segmentos para pensar o papel da comunicação popular, a saber: comunicação no processo de mobilização; como processo; como mediação; e a através da mediação tecnológica.

Peruzzo (2022, p. 131) insere o agir comunicativo no processo de ação e existência dos movimentos populares, ao conceituar o segmento da “comunicação no processo de mobilização”. Para isso, define “processo” como práxis permanente e, ao mesmo tempo, dinâmica, em razão das trocas e complementos da cultura nas ações de organização, consciência e mobilização comunitárias. Portanto, comunicação, no processo de mobilização, se relaciona com propostas comunicativas que tendem a ir além das práticas tradicionais de apuração de fontes e produção de conteúdo informativo para determinado público, por meio de um canal. Nessa vertente, o próprio processo comunicativo já deve ser alicerçado à luz do agir coletivo e mobilizador, atravessados pela dialogia.

No segundo segmento, na “comunicação como processo”, o ato de comunicar é compreendido como necessariamente dialógico, visualizado no dia a dia dos movimentos populares “[...] como comportamento coordenado que flui numa interação intermediada pelas linguagens” e não apenas como difusão de informação. (PERUZZO, 2022, p.134).



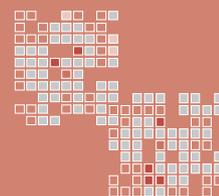
A proposta da “comunicação como mediação” é entendida como sendo a forma como se expressa e se constitui as relações nas organizações comunitárias e populares, em que o processo seja “[...] facilitador das inter-relações capazes de viabilizar os programas de intervenção social para a efetivação de objetivos das próprias organizações” (PERUZZO, 2022, p.138), com agentes públicos, parcerias, convênios ao se apropriar de técnicas de relações públicas populares. Ainda sobre esse segmento, Peruzzo identifica a expressão comunicativa no ambiente escolar formal e nas práticas educativas informais, as quais colaboram na conscientização política, na tomada de decisão e na integração de saberes entre os agentes da comunidade.

A “comunicação através da mediação tecnológica” compreende o uso da rádio comunitária, da televisão comunitária, dos impressos e outros suportes tecnológicos sonoros e audiovisuais como função importante nas localidades e na intermediação dela com os públicos. Atualmente, muitos desses suportes e meios migraram para os espaços *on-line*, onde conseguem ter maior visibilidade e atingir maiores públicos, fortalecendo os cenários de luta das comunidades e movimentos sociais.

Ao longo dos capítulos, é aguardado pelo leitor essa discussão da comunicação popular, comunitária e cidadã alicerçada na Teoria do Outro Desenvolvimento, “desenvolvimento emancipatório”, “Bem Viver”, “Sustentável”. A partir deste horizonte paradigmático de desenvolvimento, a comunicação é exercida como processo interlocutor, entre os saberes locais dos sujeitos envolvidos e as práticas e ações de gerar o comunicar. A proposta da comunicação, que transforma para o social na busca por direitos garantidos, existe. Neste ponto, são trazidos exemplos e discussão do fazer-ação.

O compêndio em questão é mais uma obra de referência sobre comunicação e cidadania da pesquisadora brasileira Peruzzo. Satisfação do estudo está em: fundamentar-se em autores-chave; trazer as vivências da Copavi, Polo da Borborema e Unas; e provocar o debate sobre qual comunicação contribui nos movimentos sociais e comunitários. Seriam estes, de fato, gerenciadores e cocriadores de uma comunicação cidadã?

No livro, há a crítica evidente sobre a lógica de desenvolvimento e trajetória da comunicação difusionista apontadas na Teoria da Modernização, em especial na América Latina, ao se ter como herança desse modelo a concentração fundiária, a especulação imobiliária, a miséria e a desigualdade social. Peruzzo o aponta e aprofunda a questão. Ao contar sobre a comunicação popular e comunitária da Copavi, do Polo da Borborema e da Unas, sensibiliza com as histórias, problematiza os cenários de luta e resistência, bem como promove a esperança ao leitor, pela existência de comunicações articuladas com a bandeira de transformação social e com a “busca da felicidade como direito” (PERUZZO, 2022, p. 158).



Destaca-se, por fim, que a obra *Pedagogia da Comunicação Popular e Comunitária nos Movimentos Sociais* constitui-se mais uma referência teórica acerca da comunicação popular voltada para a transformação social, sendo, dessa forma, mais um capítulo do tão grande e relevante conhecimento produzido por Perruzo.

Recebido em 20/03/2023. Aceito em 18/09/2023.

